

26. DE CATADORES DE FEIJÃO A CATADORES DE DIAMANTE: OS DESAFIOS DE UM GRUPO DE ADOLESCENTES NA COMUNIDADE DE PARAISÓPOLIS – SP

Ana Carolina Westphal Guitti
Caroline Wajss
Lectícia Rapôso

Na minha abordagem de terapia, o interesse e a intenção principais do terapeuta são de criar uma oportunidade dialógica – e, pelo diálogo, criar oportunidades de autoagenciamento, liberdade e possibilidades únicas para o paciente na situação em que se encontra – na qual o cliente participou da invenção e do desenvolvimento.

(HARLENE ANDERSON, 2009, p. 79)

A metáfora de catadores de diamantes e de feijão, presente no título deste trabalho, vem do relato de uma mulher empreendedora chamada Isabel Carvalho Pinto Humberg¹. Trata-se de uma imagem que remete a escolhas de vida, nas quais ficamos entre nos posicionar como um catador de feijão, que procura selecionar o que há de estragado, ruim, defeituoso, no meio de um monte de feijões sadios e iguais, ou como um catador de diamantes, cuja busca é encontrar, no meio de uma vastidão, alguma luz que brilhe e possa ser lapidada em preciosidades.

Inspiradas nessa imagem e nos posicionando como catadoras de diamantes, aceitamos o convite para desenvolvermos um trabalho com adolescentes da comunidade de Paraisópolis.

O convite surgiu por meio de uma das autoras deste artigo, que já frequentava essa comunidade dentro de um projeto desenvolvido pela área da infância e juventude da Instituição Espírita Seara Bendita em uma escola.

Trata-se de uma iniciativa da escola de oferecer recreação e entretenimento para crianças e adolescentes naquele ambiente de vulnerabilidade e com poucos recursos financeiros. A Instituição Seara Bendita leva uma equipe de voluntários, há 35 anos, em dois domingos por mês, para desenvolver na escola um trabalho com crianças do 1º ao 5º do Ensino Fundamental I. As atividades deles consistem em trabalhar com algumas virtudes e valores que consideram importantes, reunindo essas crianças nas salas de aulas

¹ Isabel Carvalho Pinto Humberg é Co-Fundadora do Fashion Code e do OQVestir, empreendedora digital, Conselheira EY (Winning Womem), mentora Endeavor, mentora Elas_inTech

durante aproximadamente uma hora e oferecendo abertura para conversar e trabalhar os temas elencados pelos coordenadores do programa para o dia.

A partir da experiência do trabalho dos voluntários da Seara nesses domingos, surgiu uma demanda que foi apresentada às autoras deste capítulo. Alguns adolescentes, que já tinham passado pelas aulas da Seara, haviam demonstrado interesse em continuar a frequentar essa atividade, apesar de não terem mais idade para isso.² A proposta da Seara foi para que eles fossem inseridos ao grupo de voluntários como ajudantes. No entanto, com o tempo, os membros da Seara começaram a ter dificuldade em lidar com esses adolescentes, devido ao comportamento de alguns deles considerados inadequados de acordo com os parâmetros da instituição. Entendemos que essa inadequação se referia ao fato de que os adolescentes não conseguiam desempenhar a função de ajudantes como era esperado, ou essa função não estava muito bem delineada entre os adolescentes e os voluntários da Seara. Seriam os feijões estragados que teriam que ser excluídos do contexto de normalidade esperado?

Diante desse contexto e aproveitando o trabalho que já vinha sendo desenvolvido por essa instituição nessa comunidade, as autoras se perguntaram de que forma poderiam oferecer uma proposta de trabalho com esses adolescentes. Isso deveria incluir as demandas da Seara e dar abertura e voz a esses jovens afastados da atividade ou perdidos pela escola nesses domingos. Dessa forma, começamos nossa jornada como catadoras de diamantes através da construção de um espaço de conversação, no qual esses adolescentes pudessem mostrar seu brilho ao serem ouvidos e legitimados.

Diante desse olhar, de maneira colaborativa, buscamos uma postura que visasse a mudança como o empoderamento das pessoas ao assumirem e reconhecerem os direitos de sua própria vida. Portanto, sempre política e sempre social.

Isso também implicaria em ampliar a prática do psicólogo dentro da comunidade de Paraisópolis, tendo em vista que a atuação profissional naquele ambiente se expandiria para além da prática clínica. Nessa conjuntura, entendemos que o *setting* terapêutico não era o único espaço para se atuar na promoção de saúde. Acreditamos que a atitude de olhar o ser humano dentro do seu contexto era uma prática que promoveria cuidado e mudança àquela comunidade. Assim, a nossa função como psicólogas ultrapassaria o atendimento clínico em consultório possibilitando a escuta e, conseqüentemente, a ajuda ao outro para refletir e pensar alternativas ao seu problema. O ambiente no qual a

² O projeto consiste em atender apenas crianças que estão matriculadas na escola até o 5º. ano do Ensino fundamental.

comunidade está inserida é sempre relevante para definir a forma de atuar com uma proposta de trabalho que atenda as necessidades desse público específico.

A prática colaborativa, proposta por Harlene Anderson (2009), abrange os referenciais teóricos aos quais nos debruçamos na abordagem deste trabalho. Segundo Gonçalves e Gonçalves (2007), o construcionismo propõe um modelo em que a psicoterapia é compreendida como uma construção conversacional e a mudança ocorre a partir das diferentes narrativas pessoais dos clientes. Esses autores destacam três pressupostos para caracterizar sua prática clínica: o poder constitutivo da linguagem, a construção relacional do significado e o posicionamento histórico-cultural de qualquer descrição ou teorização.

Nesse enquadramento, Anderson (2009) define a posição do terapeuta como uma atitude filosófica que implica em criar uma oportunidade dialógica na qual o outro participa ativamente, expressando e desenvolvendo possibilidades e alternativas para a própria situação em que se encontra. Dessa forma, o terapeuta não atua como especialista, mas compartilha as *expertises* entre os envolvidos na interação, facilitando o espaço de conversa, permitindo ser criativo, flexível e também passível de se transformar nesse processo.

Compreendemos a importância de refletir sobre a postura do terapeuta na perspectiva colaborativa e acreditamos na conversa dialógica como um espaço transformador. Por meio da linguagem, geramos significados e entendemos que esse processo se torna produtivo à medida que encontramos novas formas de construir diferentes sentidos e, como resultado de contar e recontar nossas histórias, transformamos as nossas experiências vividas.

Considerando estes pressupostos, propusemos um espaço colaborativo que, por meio do convite ao diálogo feito pelas facilitadoras, pudesse promover um contar e recontar de histórias a partir de recursos e talentos identificados pelos adolescentes como seus, favorecendo, dessa forma, um espaço de transformação e de criação de significados.

Com o intuito de oferecer a estes adolescentes um lugar para descobrirem suas virtudes e potencialidades, as autoras se inspiraram na Investigação Apreciativa - IA (COOPERRIDER, WHITNEY, STAVROS, 2008; COOPERRIDER, WHITNEY, 2005; COSTA, MOFARREJ, PACHECO, 2017; SILVA, COSTA FILHO, BRITO, 2014; TROSTEN-BLOOM, WHITNEY, 2010) como uma ferramenta complementar ao seu trabalho, que propõe identificar e conectar os aspectos positivos individuais e do grupo, de modo a possibilitar uma mudança de perspectiva dos participantes sobre seus

problemas pessoais. Acreditamos que, ajudando na identificação dos talentos e valores individuais e coletivos, damos a esses adolescentes melhores chances de visualizarem possíveis sonhos a serem construídos.

O Aporte Teórico: Investigação Apreciativa (IA)

A Investigação Apreciativa (IA) emergiu com os estudos do comportamento organizacional de David Cooperrider e Suresh Srivasta, a partir da década de 1980, em Cleveland, nos Estados Unidos (COOPERRIDER, WHITNEY, STAVROS, 2008, parte 2) Ela foi desenvolvida como uma ferramenta gerencial e arrojada, desafiando o modelo tradicional de investigação. Se por um lado, a IA se aproxima da epistemologia social e construcionista, ao considerar a realidade e o conhecimento uma produção socialmente construída em um contexto sócio-histórico, por outro, também tem relação com a visão ontológica pragmática, que defende a aplicabilidade das diferentes formas de conhecimento. (SILVA, COSTA FILHO, BRITO, 2014). A IA tem uma abordagem positiva da mudança, que convida a pensar no que deu certo no passado e transformar sonhos em potencialidades (RAZZOLINI et al., 2013). A ideia desenvolvida pela IA é de gerir mudanças, com a catalisação do lado positivo, do melhor das pessoas, como a retomada de eventos a serem apreciados, no lugar de focar na resolução de problemas. Promove, assim, um olhar a novas estratégias, pensamentos e resultados, através de perguntas investigativas, criativas e motivacionais.

A IA tem cinco princípios que norteiam tanto a sua fundamentação teórica quanto a sua prática. Estes princípios estão baseados em crenças e valores essenciais sobre a organização e a mudança humana (WHITNEY, TROSTEN-BLOON, 2002). Eles são:

1. O Princípio Construtivista: a realidade, tal como a conhecemos, é socialmente criada, por meio da linguagem e das conversações. As palavras criam mundos.
2. O Princípio da Simultaneidade: a indagação e a mudança não são momentos separados, eles são simultâneos. No mesmo momento em que fazemos uma pergunta, começamos a criar a mudança e a inspirar imagens do futuro.
3. O Princípio Poético: podemos escolher o que estudar, ou seja, no que focar o nosso olhar dentre as diversas áreas de conhecimento e experiência. As organizações, assim como a vida das pessoas, são como livros abertos, fonte de estudo e aprendizagem. Uma pessoa pode escolher estudar momentos de criatividade e potência ou momentos de estresse e dificuldades. Quem escolhe é a pessoa e esta escolha é decisiva, pois, além de

determinar o que descobrimos e aprendemos, nos conduzem a histórias e imagens positivas ou negativas das pessoas e/ou organizações.

4. O Princípio Antecipatório: o discurso acerca do futuro é o recurso mais importante para gerar a mudança. Os sistemas humanos se movem em direção às suas imagens do futuro e, quanto mais positiva e esperançosa é a imagem do futuro, mais positiva é a ação desenvolvida no presente.

5. O Princípio Positivo: este princípio se originou de anos de experiência com a IA. Ele nos informa que as perguntas positivas ajudam a manifestar o melhor das pessoas, inspiram ações positivas e criam possibilidades para futuros positivos. Além disso, o impulso para a mudança em grande escala demanda grandes porções de afeto positivo e vínculo social, assim como estimulam a esperança, a inspiração e a alegria de criar junto com o outro.

Baseada nesses princípios, a IA supõe que toda vida organizacional possui algo que funciona bem, um núcleo positivo, que deve ser usado como ponto de partida para gerir mudanças positivas. Essa abordagem se orienta metodologicamente com base no chamado ciclo de 4D, que acessa e sensibiliza esse núcleo positivo (COOPERRIDER, WHITNEY, STAVROS, 2008). As fases desse ciclo são divididas em: Descoberta (*Discovering*), Sonho (*Dreaming*), Planejamento (*Designing*) e Destino (*Destiny*) – são compreendidas conforme segue:

Descoberta:

Consiste em investigar, identificar e apreciar o núcleo positivo, o talento, priorizando os momentos, realizações ou experiências excepcionais que a pessoa teve na vida, pelo uso de perguntas criativas com introduções afirmativas. O percurso da investigação se inicia com a coleta de dados e a exploração das narrativas, como um processo da realidade e o significado para cada pessoa envolvida. Cria-se um contexto de respeito, escuta, troca de experiências, através de um diálogo colaborativo.

Sonho:

Há um convite e incentivo para que as pessoas falem sobre seus sonhos e esperanças, mapeiem oportunidades e o futuro desejado. Esse ciclo amplia e mobiliza o núcleo positivo, gerado pela fase da Descoberta. É um momento de entusiasmo e imaginação,

para que o grupo compartilhe as histórias, sem julgá-las ou criticá-las, e comece a visualizar temas em comum.

Planejamento

Uma fase em que se cria a arquitetura social da organização a qual se deseja transformar, de forma colaborativa e coletiva. Elaboram-se propostas provocativas que descrevam a organização ideal e transformem o sonho em realidade. Esse ciclo necessita de diálogos profundos sobre o melhor procedimento e forma de apoiar o novo sistema e sustentar a mudança positiva.

Futuro

Essa fase é de aprendizagem contínua e de ajustes. Comunica-se a imagem do futuro e o que cada um fará para contribuir com a realização do sonho organizacional, ou seja, aquilo que a organização almeja alcançar, o seu melhor momento, a sua melhor performance. Constrói-se um olhar apreciativo para empoderar, aprender e ajustar o desenho proposto.

Planejamento da intervenção

Pensando na IA como instrumento para a construção de um contexto de diálogo com o grupo de adolescentes, e devido ao nosso curto tempo de trabalho disponível, de apenas três ou quatro encontros com duração de uma hora e quinze minutos, optamos por fazer um planejamento que contemplasse as duas primeiras fases do ciclo da IA: *Discovery* ou fase da Descoberta e *Dreaming* ou fase do Sonho.

Dessa forma, o desenvolvimento da nossa intervenção foi editado e pensado levando em consideração a experiência das autoras; os princípios da prática descrita acima, sob o apoio da metodologia e proposta da IA; e a realidade e condições materiais com a qual estávamos trabalhando. A seguir contamos um pouco mais sobre essas etapas de planejamento.

Participantes

Diante do contexto institucional apresentado pela Escola Homero e da demanda de criar um lugar de escuta para esses adolescentes frequentadores do *Domingo de Lazer*, tivemos que refletir sobre quem eram os potenciais adolescentes que poderíamos acolher nesse grupo.

Uma primeira preocupação a ser respondida dizia respeito à vontade pessoal e individual desses participantes para além da demanda da escola e dos voluntários da Seara. Nós sabíamos que existia um espaço para cuidar dessa população, mas ainda não tínhamos certeza de como nos aproximar e convidar os adolescentes a participar de uma roda de conversa.

Optamos por fazer uma primeira visita, em um *Domingo de lazer*, sem o comprometimento de realizar ou agrupar possíveis participantes. Nesse primeiro momento, conhecemos a sala disponibilizada pela escola para o trabalho e tentamos nos aproximar de alguns dos jovens que frequentavam a escola.

Visitar o espaço foi muito importante, porque nos deu um parâmetro de quantas pessoas ficariam bem acomodadas na sala e de que tipo de recursos poderíamos usufruir, como mesas e cadeiras, lousas ou janelas.

Conhecer os potenciais participantes nessa primeira visita foi igualmente importante, pois, a partir dessa primeira aproximação, conseguimos estabelecer alguns critérios para convidar esses adolescentes para uma roda de conversa. Também nesse dia, pudemos nos apresentar, falar individualmente com alguns desses jovens e perguntar-lhes sobre a utilidade de abrir esse espaço de diálogo.

Fomos muito bem recepcionadas por todos, tanto pela organização da Seara, como pelo diretor da escola e pelos garotos e garotas que viemos a conhecer naquele momento.

A partir dessa primeira visita, endereçada ao início desse trabalho, fizemos a opção de chamar todo e qualquer menino ou menina, acima de doze anos – ou a partir do 5º ano do Ensino Fundamental – que tivesse disponibilidade e vontade de participar do grupo. Ou seja, o grupo seria aberto, sem compromisso com a continuidade e/ou frequência dos participantes, sendo formado a cada domingo para quem quisesse entrar ou sair de qualquer encontro.

Vale apontar que, em muitos momentos, enfrentamos alguma dificuldade para dar início ao encontro do dia, pois tivemos que convidar adolescentes que estavam no pátio da escola ou envolvidos em outra atividade. Apesar da nossa presença entre eles e do conhecimento deles sobre a existência da roda de conversa, eles não tinham a iniciativa voluntária de chegar antes do nosso convite. Por outro lado, esse fato não atrapalhou, de modo algum, o andamento do grupo assim que conseguíamos reunir todos dentro da sala. Em média, os grupos foram formados por aproximadamente dez adolescentes, tanto meninos quanto meninas, entre doze e dezoito anos. Todos os participantes já se conheciam da comunidade e a maioria deles frequentava a escola como ajudantes da Seara

anteriormente. No entanto, tivemos a adesão de alguns jovens que se interessaram em participar do grupo quando souberam dessa possibilidade.

Como aconteceu...

Cada encontro foi estudado e pensado considerando as características do grupo, do espaço, do tempo e das facilitadoras. Também planejamos as reuniões de acordo com os princípios da IA e com as suas duas primeiras fases. Dessa maneira, tivemos a oportunidade de criar estratégias e elaborar atividades conforme a nossa proposta de abertura ao diálogo voltada ao encontro de talentos, valores, potencialidades, expectativas futuras, sonhos e fortalecimento da rede de apoio na comunidade.

Descrevemos em seguida um pouco mais sobre o projeto de cada encontro. No entanto, devemos ressaltar que algumas adaptações foram necessárias, pois as atividades foram preparadas contando com possíveis imprevistos. Essas circunstâncias foram mais detalhadas na análise deste trabalho. Os encontros aconteciam uma vez por mês, sempre aos domingos.

1º Encontro

Nos apresentamos como facilitadoras, falamos sobre o que significava estar naquele grupo, apresentamos nossa proposta e elaboramos juntos algumas regras necessárias para o bom funcionamento daquela roda.

Atividade 1 - apresentação

Sentamos em círculo e espalhamos no chão, no centro, uma boa quantidade de cartões postais, de diferentes cores, formas e imagens, para que cada jovem escolhesse um ou dois que se identificar. Depois de todos terem feito a sua escolha, cada um na roda falou um pouco sobre a origem do seu nome próprio e por que tinha escolhido aquele cartão.

Atividade 2 – integração

Pensando na formação de vínculo e na possibilidade de dar início a um sentimento de fortalecimento de grupo, pedimos para que cada um dos participantes escrevesse em uma tirinha de papel alguma qualidade pessoal, algum valor pessoal ou algo que considerasse importante para si. E, em outro papel, que anotasse alguma qualidade que gostaria de desenvolver ou que considerasse importante conquistar. Colocamos anonimamente os papéis dentro de duas sacolinhas e fizemos uma lista para cada uma delas na lousa da sala.

2º Encontro

Acolhemos os participantes novos, fazendo uma breve apresentação da proposta do grupo e retomamos as regras elaboradas no 1º encontro.

Atividade 1 – aquecimento

Em roda, todos ficamos de pé. Uma facilitadora segurou um novelo de lã e instruiu os outros a falarem seu nome e algo que gostava. E em seguida, jogou o novelo para outra pessoa que deveria repetir o que foi dito por quem o antecedeu e repetir o processo.

Em seguida, foram feitas duas pequenas dinâmicas com músicas e movimento corporal com o intuito de promover uma maior descontração e aproximação entre todos.

Atividade 2 – descoberta (*discovery*)

Todos ficaram sentados em roda e, no centro dela, colocamos uma série de revistas coloridas, recortes, canetas, cola e tesoura. As facilitadoras distribuíram para cada um dos adolescentes uma cartolina cortada em formato hexagonal, e pediram para que cada um fizesse uma imagem/colagem com o material disponível. A instrução foi para que, através da atividade manual, eles pudessem refletir na cartolina um pouco daquilo que os representassem e que gostariam de ter ou conquistar. Aqueles que desejassem, podiam pegar mais de uma cartolina.

Essa atividade manual foi planejada pensando que, pela nossa experiência, os jovens, muitas vezes, preferiam elaborar trabalhos a partir de imagens já prontas, pois o material projetivo parecia ser mais convidativo, por ser menos pessoal, então eles se sentiriam menos expostos.

3º Encontro

Elaboração da rede de apoio através da apresentação dos hexágonos.

Atividade 1 – aquecimento

De pé em roda, cantamos uma música, convidando todos a participarem daquele encontro. Em seguida, um de cada vez olhou para o colega da sua esquerda e falou em voz alta uma qualidade ou algo que gostava sobre ele.

Atividade 2 – sonho (*dreaming*)

Distribuídos os hexágonos que cada um fez e mais uma vez sentados em roda, iniciamos uma conversa em que cada um contou um pouco sobre o seu trabalho e o que pensou enquanto estava fazendo a atividade. Uma outra pessoa do grupo, que tivesse tido uma experiência parecida ou se identificado com a história contada pelo seu amigo

anterior, deu continuidade à conversa, juntando um lado do seu hexágono com o outro, do colega, no chão. Dessa maneira, formamos uma rede (colmeia) de histórias e conversas alinhadas por cada participante do grupo.

Atividade 3 – avaliação

Nesta etapa propusemos um fechamento do trabalho, mais uma vez com o novelo de lã, e fizemos uma colheita. Cada participante pôde contar um pouquinho como foi a experiência de estar nesses encontros ou em um desses encontros. Também perguntamos sobre as atividades propostas, a utilidade de conversar entre adolescentes e as expectativas sobre a continuidade desse tipo de trabalho. Além disso sugerimos dar um nome ao grupo e fizemos uma votação.

Considerações Éticas

Tivemos o cuidado de obter a anuência dos participantes adolescentes, de seus pais ou responsáveis e o acordo da instituição para a realização desta pesquisa.

Todos os nomes foram trocados para preservar a identidade dos jovens, além de serem omitidos quaisquer relatos que pudessem vir a prejudicar a integridade ou promover algum dano aos adolescentes.

Os encontros foram gravados na íntegra e transcritos, para que as autoras pudessem fazer a análise do grupo com o devido cuidado e atenção.

Refletindo sobre...

Formando vínculos

Dando início ao desenvolvimento da nossa reflexão, achamos importante abordar alguns temas sobre os quais pensamos durante o nosso trabalho.

Partindo do pressuposto que o diálogo é um processo horizontal de construção mútua, uma atividade relacional e colaborativa (PIMENTA, MACEDO, 2017; ANDERSON, 2017), nós, como facilitadoras, fomos responsáveis por criar um contexto de confiança e respeito, sem hierarquias, no qual todos os adolescentes e suas falas pudessem ser considerados sem julgamentos ou preconceitos.

Para que isso acontecesse, entendemos que a escuta compreensiva e a criação do vínculo com esses jovens tiveram um papel muito importante no trabalho.

No começo, percebemos que pairava uma certa desconfiança e tensão dos adolescentes a respeito de nós enquanto facilitadoras e novatas, bem como sobre o que o

grupo poderia oferecer para eles. Muitos não queriam espontaneamente entrar na sala, e os que lá estavam, demonstravam agitação e ansiedade em relação ao que eles poderiam ganhar naquele encontro. O fato de ainda não nos conhecerem e não saberem a proposta que tínhamos trouxe um clima de desconforto que começou a ser desconstruído durante o primeiro encontro.

A ideia de arrumar a sala em círculo trouxe uma primeira possibilidade de aproximação, criando um contexto diferente na sala de aula, em que eles pudessem se reconhecer e olhar como um grupo.

Detendo-nos mais especificamente nas atividades do primeiro encontro, notamos que eles estavam muito agitados e dispersos para escolher os cartões que os representariam. Esse talvez tenha sido o primeiro momento em que percebemos como seria trabalhoso executar o que havíamos preparado.

A maioria deles não sabia a origem e nem a história do seu nome. Outros demoraram razoavelmente para encontrar, nos cartões, imagens com que eles se identificassem. Tivemos dificuldades para escutá-los, pois, apesar dos nossos constantes pedidos para falar um de cada vez, eles não conseguiam respeitar esse combinado. Isso também aconteceu quando elaboramos junto com eles as regras para o bom funcionamento do grupo. Entre os acordos que eles mesmos pontuaram e não conseguiam cumprir estavam: respeitar o outro, não julgar, falar um de cada vez, falar na primeira pessoa, não falar palavrão, não criticar e não usar o celular. Acreditamos que a própria elaboração das regras foi um processo difícil em função da falta de vínculo conosco e de confiança deles na nossa proposta.

Levantamos algumas hipóteses sobre essa dificuldade dos adolescentes em estabelecerem um vínculo. Em primeiro lugar entendemos que a conjuntura de vulnerabilidade não proporciona um ambiente seguro que facilite a relação com pessoas desconhecidas. Em geral, existe uma desconfiança sobre o real interesse de novas pessoas em se aproximar deles. Tanto nos seus contextos familiares, quanto na escola, os vínculos são frágeis e, muitas vezes, passageiros.

Além disso, pensamos que esses jovens foram quase convocados, chamados ou abordados a participar do grupo porque estavam deslocados dentro da escola, sem atividade e, muitas vezes, atrapalhando o projeto da Seara. A própria instituição Seara e a escola ressaltavam que mesmo os adolescentes que queriam ajudar, estavam causando desconforto. Eles pareciam estar sendo mal interpretados em seus comportamentos ou não compreendidos em suas funções.

Uma terceira possibilidade pairava sobre os ganhos secundários em participar de alguma atividade dentro da escola. O projeto Seara sempre oferecia alguns benefícios em função da participação das crianças nas aulas elaboradas, como por exemplo um lanche depois do grupo e uma sacolinha de natal com presentes novos no final do ano. Mas a participação desses jovens no grupo não oferecia nenhum ganho específico antecipado. Assim, muitos dos primeiros adolescentes que vieram para esse encontro não tinham certeza do que poderiam ganhar ao participar do grupo.

Independentemente das indagações sobre as dificuldades desses adolescentes em firmarem vínculos, percebemos que a nossa disponibilidade em recebê-los nas suas demandas e preocupações, sem julgamento, foi suficiente para dar início a esses relacionamentos de maneira autêntica e espontânea.

Um bom exemplo disso foi a vontade de um dos integrantes em trazer seus bichinhos de estimação para nos apresentar. Ele parecia muito motivado para que soubéssemos seus interesses e habilidades em cuidar de animais. Depois que cada encontro do dia era finalizado, ele ia até sua casa e voltava com um animalzinho, fosse hamster, galinha, codorna ou gato. Ele fazia questão de compartilhar seu carinho e cuidados com esses animais. A oportunidade de compartilhar o sonho de ser veterinário era a possibilidade **de transformar aquele vínculo em um diamante**. Nesse sentido, o nosso olhar apreciativo foi essencial, pois expressava a chance de um dia ele **tornar aquele talento realidade**.

Reconhecendo os valores e os recursos

Durante a primeira atividade, na qual eles tinham que relacionar, numa tira de papel, os talentos e valores que já possuíam, e em outra, aqueles que gostariam de conquistar, percebemos que houve dificuldade de os participantes nomearem os seus recursos, assim como talentos a conquistar. Identificamos que havia uma expectativa da nossa parte de encontrar neles respostas mais elaboradas. Entretanto, pensamos que, devido às grandes limitações do ambiente no qual estavam inseridos, muito provavelmente eles não tinham claro os seus talentos ou não tinham aprendido a valorizar seus recursos. Consequentemente, o que eles gostariam de conquistar e os seus potenciais sonhos eram mais difíceis de serem legitimados.

Enquanto facilitadoras do diálogo, passamos a nos preocupar em como alcançar uma linguagem entre nós que abrisse as portas para esse aprendizado e transformasse a nossa relação em sentimentos de confiança e respeito. Criar esse contexto foi um desafio

grande, pois implicou mais do que uma escuta ativa, exigiu que nós estivéssemos atentas ao significado daquilo que esses jovens estavam trazendo e não antecipássemos esse entendimento. Foi preciso chegar mais perto, devagarinho, com menos expectativa e mais simplicidade, para fazer as perguntas em direção àquilo que eles queriam de fato nos contar e não àquilo que queríamos saber.

Construindo um diálogo interno

Partindo dessas circunstâncias advindas dos vínculos e das possibilidades de relacionamentos entre as pessoas do grupo, pensamos em uma atividade de aquecimento mais corporal para iniciarmos o segundo encontro. A dinâmica da teia com a lã e as músicas trouxeram um clima de interação e descontração, o que nos ajudou muito no acolhimento da atividade principal proposta para esse dia.

Ainda que soubéssemos o quanto poderia ser complexo para eles reconhecer seus valores e recursos, a brincadeira com recortes e colagem foi uma nova possibilidade de se apropriarem disso. Esse caminho foi uma alternativa para que se iniciasse a construção de um diálogo interno de cada jovem consigo mesmo. Nesse encontro, procuramos não intervir, não incitar conversa, mas deixamos que eles nos procurassem para contar o que surgisse a partir da atividade.

Notamos que eles estavam muito envolvidos e interessados em criar seus hexágonos com capricho, em ouvir sugestões, tirar dúvidas, pedir ajuda e mostrar suas produções à medida que iam elaborando seus trabalhos.

Dessa forma, além de a atividade ajudar na continuidade do fortalecimento do vínculo dos jovens conosco, também possibilitou que eles entrassem em contato com suas potencialidades e desejos. Começamos a visualizar os brilhos a serem lapidados como futuros diamantes.

Um bom exemplo que surgiu foi de uma das participantes, que produziu dois hexágonos. Um deles foi inteiro de colagens negativas, que remetiam à violência e à morte, e outro repleto de figuras de beleza, leveza e vida. O que entendemos com essa adolescente foi que sua produção refletia a forma como ela se representava em sua vida. Por um lado, uma menina que tinha acabado de completar doze anos, muito afetuosa, carente, brincalhona e tímida, simbolizada por figuras de animais, natureza e pessoas interagindo de forma amorosa. Por outro lado, uma menina que era exposta à prostituição, uso de drogas, privação de dinheiro e vínculos familiares, representadas por figuras sombrias e que remetiam a sofrimento e culpa. Apesar do vínculo recente, essa

adolescente foi se aproximando aos poucos e, infelizmente não pudemos ter muitas conversas com ela sobre o que surgiu durante o trabalho. Sabemos de sua história um pouco através de suas falas e um pouco através do relato do João, vice-diretor, e de alguns voluntários da Seara que já estão lá a mais tempo.

Foi nesse encontro que começamos a nos aproximar mais das histórias pessoais de cada um dos jovens. A experiência do recorte das figuras como representação simbólica abriu espaço para eles refletirem sobre suas vidas e suas personalidades. Essa proposta de uma atividade mais lúdica ajudou a sentirem-se mais à vontade e conectados com a proposta do grupo.

Preparar e não planejar

Tivemos a oportunidade de nos depararmos com alguns imprevistos que nos ajudaram a refletir sobre a importância de preparar e, não, planejar os encontros. Ao chegarmos para o terceiro dia, descobrimos que haveria uma atividade especial em comemoração ao dia das crianças. Seria apresentada uma peça de teatro feita pelos próprios voluntários da Seara. Percebemos que os adolescentes estavam muito animados, querendo participar do evento. Consideramos que impedir isso de acontecer e seguir com o que tínhamos preparado para aquele dia seria atender a nossa expectativa e não a deles. Além disso, sentimos como um “convite” a nós, facilitadoras, que participássemos, ao perguntarem: “e vocês, não vão ver o teatro também?”. Dessa forma, decidimos assistir à peça com os adolescentes ao nosso redor, inclusive no nosso colo.

Quando voltamos para sala, sem nenhuma pretensão de realizar a atividade que havíamos preparado, algo mágico aconteceu... Não sabemos ao certo se foi pela peça, que tratava de super-heróis ou pela proximidade ganha com esses jovens já no nosso terceiro encontro, os adolescentes começaram a compartilhar espontaneamente sonhos, conflitos, dilemas, alegrias e conquistas. Por exemplo, M.J. falou de sua preocupação em ir para o céu ou o inferno; G. contou sobre suas competências musicais que foram aprendidas em uma instituição na comunidade; M. compartilhou sobre sua frustração de não ter podido aceitar o convite de treinar na escola de futebol do Barcelona, por não ter quem o levasse; e Mi. partilhou seus sérios problemas de saúde que a preocupavam.

A conversa fluiu de forma natural e colaborativa. Todos estavam numa postura de entrega, confiando no grupo e na relação que estava sendo construída ao longo dos encontros.

Nesse momento, percebemos a importância de prepararmos os nossos encontros no lugar de planejarmos. Planejando estaríamos engessadas para os imprevistos, tentando executar aquilo que foi elaborado para aquele dia. Mas preparar foi diferente, pois possibilitou estarmos atentas e sensíveis ao movimento do grupo, daquilo que fazia sentido para eles, com uma escuta generosa e acolhedora.

Iniciando o processo: de catadores de feijão a catadores de diamante...

No último encontro do ano, propusemos, além das músicas de aquecimento, que eles olhassem para a pessoa ao seu lado esquerdo e falassem uma qualidade. Isso possibilitou colocarmos uma luz em suas competências e entendermos como o outro nos enxergava.

Em seguida, a proposta que tínhamos preparado exigia maior atenção e escuta entre os participantes. Da experiência apreendida no encontro anterior, trouxemos um recurso para melhorar essa dinâmica. Usamos um objeto intermediário, cuidadosamente escolhido, um rádio infantil sem pilha com o desenho dos personagens do filme *Os Incríveis*, da Disney, para nos ajudar. A ideia era que só podia falar o “incrível” que estivesse em posse do objeto, legitimando sua fala e a importância da escuta. Assim, cada um contou as histórias do seu hexágono e foi colocando-o no chão, formando uma grande colmeia de narrativas, significados e sonhos.

A partir desse momento, perguntamos se eles gostariam de continuar com os nossos encontros. Os adolescentes enfaticamente pediram que prosseguíssemos com o grupo, demonstrando alegria e entusiasmo.

Para encerrar, sugerimos que criássemos um nome para o grupo. Fizemos uma votação e foi eleito: *Grupo das Expectativas dos Jovens*.

Notamos que os nossos encontros tiveram um efeito importante na relação das pessoas do grupo. Comparado ao primeiro encontro, percebemos que o grupo estava bem menos agitado, mais concentrado e preparado para ouvir uns aos outros. Os jovens podiam prestar atenção no que estava sendo falado pelos colegas com mais respeito e se identificar com as histórias contadas pelos colegas. Assim, conseguimos formar o desenho da colmeia dos hexágonos e começamos a lapidar esses diamantes e a dar a oportunidade para que o brilho de cada um surgisse e fosse apreciado por todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditar no psicólogo como agente de saúde dentro desse contexto de vulnerabilidade é considerar todas as demandas que envolvem esse ambiente. Ou seja, saber ouvir e acolher não apenas as questões desses jovens que foram convidados a participar de um grupo de conversa, mas também atender as expectativas da escola, representadas pelo vice-diretor, assim como as dos voluntários da Seara, que, com sua demanda, possibilitaram este trabalho.

Desde a proposta, passamos por diversos momentos. Fomos de um lugar onde parecia existir um medo de comunicar sentimentos e histórias pessoais, apresentado por uma agitação inicial no grupo, a um espaço de convivência, no qual havia entrega e confiança. Percebemos a importância de estar num processo não hierárquico, em que os representantes adultos não fossem autoridades, mas participantes iguais. Também fizemos esse movimento com a instituição escolar e a Seara. A princípio fomos chamadas a elaborar um grupo como anfitriãs, mas, ao longo do tempo, percebemo-nos convidadas a participar desse contexto. Isso nos ajudou a ampliar nossas relações com todos os envolvidos, inclusive tornando possível dar continuidade a este trabalho.

Durante esse processo, entendemos a importância de construir através dos imprevistos espaços de escuta menos rigorosos e atentos as necessidades daquele contexto e da importância da nossa presença para esses adolescentes. Apesar do pouco tempo que oferecemos nesses encontros, para esses jovens pareceu transformador. Percebemos isso na qualidade do estar junto, na espontaneidade e no acolhimento que construímos com eles. Um bom exemplo disso foi o nome que dado ao grupo “Expectativa dos Jovens” que apontam para futuro e para ideia de continuidade.

Tudo isso só foi possível porque acreditamos no processo e confiamos que podíamos aprender com eles e acolher suas histórias tanto quanto eles conosco. E assim, fazer parte não apenas do grupo Seara, mas também fazer parte da escola. Para tanto, tivemos que olhar para esse trabalho com atenção e carinho para não sermos capturadas pela necessidade de resolver os problemas tanto individuais dos jovens, quanto da escola ou da Seara. Isso porque seria **fácil de adotar** essa dinâmica em um contexto em que precisávamos criar uma relação com algo que não nos era familiar. Fomos guiadas pela expectativa de conversar com esses jovens sobre seus sonhos e encontramos adolescentes com dificuldade de falar sobre suas expectativas futuras. O contexto de poucas perspectivas e as diferenças socioeconômicas e culturais nos despertaram para ampliar nossa capacidade de escuta. Se não tivéssemos feito isso, estaríamos fora do nosso papel como catadoras de diamantes: olharíamos como especialistas, buscando consertar algo de

errado. No entanto, mantendo nossa postura colaborativa, nossa proposta de trabalho, o valor da empatia - de estar *com* e não de estar *para* - reiteramos o papel do psicólogo para além da clínica, promovendo espaços de encontros e escuta nos mais diversos contextos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, H. *Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia*. Tradução Mônica Giglio Armando. Revisão científica Claudia Bruscin. São Paulo: Ed. Roca, 2009. p.15- 87.

ANDERSON, H. Diálogo: pessoas criando significados umas com as outras e encontrando maneiras de continuar. In: GRANDESSO, M.A. (Org.). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre a teoria e a prática*. Curitiba: CRV, 2017. cap. 5, p. 93-103.

COOPERRIDER, D. L.; WHITNEY, D.; STAVROS, J. M. *Manual da Investigação apreciativa*. Parte 2. Tradução Nilza Freire e Celso Roberto Paschoa. Rio de Janeiro: Ed. Qualimark. 2008.

COOPERRIDER, D. L.; WHITNEY, D. *Appreciative Inquiry: a positive revolution in change*. San Francisco: Ed. Berrett-Koehler Publishers, Inc. 2005.

GONÇALVES, M. M.; GONÇALVES, O. F. Da psicopatologia como ficção à psicoterapia como criação: as más notícias. In: GONÇALVES MIGUEL, M.; GONÇALVES O. F. (Org.). *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra, Portugal: Ed. Quarteto, 2007. cap. 3, p.67- 92.

COSTA, F. M. T.; MOFARREJ, G. J. C, PACHECO, V. T. M. A contribuição da entrevista apreciativa em um processo terapêutico colaborativo. In: GRANDESSO, M.A. (Org.). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. Curitiba: CRV, 2017. cap. 10, p. 201-224.

MACEDO, R.M.S. Reflexões sobre o conceito de Psicologia Clínica na contemporaneidade e métodos de pesquisa. In: MACEDO, R.M.S.; KUBLIKOWSKI, I.; MORÉ, C.L.O.C. *Pesquisa qualitativa no contexto da família e comunidade: Experiências, desafios e reflexões*. São Paulo: CRV, EDUC, 2018, p.15-24.

PIMENTA, L.; MACEDO, R. M. S. Práticas colaborativas e dialógicas em múltiplos contextos. In: GRANDESSO, M. A. (Org.) *Práticas colaborativas e dialógicas em múltiplos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*, 1 ed. Curitiba: CRV, 2017. cap. 14, p. 299-325.

RAZZOLINI FILHO, E. et al. Investigação apreciativa como uma ferramenta para a construção da estratégia organizacional. *Revista Organização Sistêmica*, v 4, n 2, p.180-206, jul/dez, 2013.

SILVA, I. C.; COSTA FILHO, C. G.; BRITO, M. J. Investigação apreciativa e pesquisa-ação: relação dialógica, complementaridade ou oposição? *Revista Gestão. Org*, v 12, n 2, p. 163-172, 2014.

TROSTEN-BLOOM, A.; WHITNEY, D. *The power of appreciative inquiry: a practical guide to positive change*. 2 ed. San Francisco: Ed. Berrett-Koehler Publishers, Inc. 2010.